

De origem judaica, o escritor brasileiro Bernardo Kucinski tem sua obra ficcional marcada por temas ligados à política e à violência de Estado, o que não impede a abordagem de elementos da cultura judaica em sua literatura. Exemplo marcante é a presença do ídiche em obras como *K. - Relato de uma busca*, *Os visitantes*, e em alguns de seus contos, nos quais a língua funciona como meio de estabelecer sentido a séries de sentimentos e eventos. Neles, ora o ídiche pode ser referido como um ponto de desacerto que representa a incapacidade de entendimento e de estabelecimento de relações pessoais, ora como fonte de herança familiar capaz de unir passado e presente na busca do restabelecimento de uma memória coletiva.

O romance *K. - Relato de uma busca*, seu mais conhecido livro, narra a trajetória de um escritor judeu-polonês de literatura em língua ídiche, nomeado apenas como K., que migrou para o Brasil no período anterior à Segunda Guerra Mundial, após ser preso e obrigado a se exilar da Polônia por atuar no Partido Trabalhista Sionista. O livro inicia-se com o desaparecimento de sua filha no Brasil dos anos 1970, sob a ditadura civil-militar que governou o país. O desaparecimento é o ponto de partida de uma peregrinação em busca do seu paradeiro.

Dentro desse contexto, um dos aspectos mais marcantes do personagem está ligado à sua relação com a língua ídiche, seja no tocante à criação literária, seja na problemática relação com os filhos. Se, ao chegar ao Brasil, K. permaneceu imerso na cultura judaica, tanto no que se refere à sua participação na comunidade, atuando como professor, como em sua escolha pela literatura escrita em ídiche, ao ter que se deparar com o desaparecimento da filha, ele percebe o tão pouco que sabia da sua vida e da realidade política do país que o abrigara como imigrante. E é justamente sua devoção à língua e à literatura que são apontadas como fator determinante desse distanciamento. Dessa forma, o ídiche passa a ser referido como um ponto de desacerto e distanciamento familiar, como se a língua não ensinada aos filhos fosse uma barreira mais profunda que a do idioma e representasse também uma incapacidade de entendimento e de estabelecimento de relações.

Essa perspectiva é colocada por K. não apenas quando se refere à “língua-cadáver”, forma que o narrador do romance se refere à língua, mas na sua própria relação com a criação literária. Em um dos capítulos, “O abandono da literatura”, há a representação de um processo

¹ Doutor em Letras: Estudos Literários, pela Universidade Federal de Minas Gerais.

de perda dos próprios significados que K. dava à sua língua de origem e ao fazer literário. O capítulo começa com a intenção de K. de voltar à escrita, de utilizá-la como forma de cura e de expressão de sua dor em função do desaparecimento de sua filha, porém, logo fica evidente que algo havia mudado na sua forma de se relacionar com as palavras:

Agora, quando já não havia mais esperanças, [...] só lhe restava mesmo retomar seu ofício de escritor, não para criar personagens ou imaginar enredos; para lidar com seu próprio infortúnio [...]. K. chegou a compor [...] registros de episódios, diálogos, cenários. Mas ao tentar reuni-los numa narrativa coerente, algo não funcionou [...]. Não conseguia expressar os sentimentos que dele se apossaram em muitas das situações pelas quais passara [...]. Era como se faltasse o essencial; era como se as palavras, embora escolhidas com esmero, em vez de mostrar a plenitude do que ele sentia, ao contrário, escondessem ou amputassem o significado principal.²

Inicialmente, o motivo de sua incapacidade de expressar o que deseja recai sobre o iídiche, língua a qual se dedicara por tantos anos:

Ele, poeta premiado da língua iídiche, não alcançava pela palavra a transcendência almejada. Seria uma limitação da língua iídiche? Será que esse povo tão maltratado não conseguia expressar sofrimento na sua própria língua? Não pode ser. Embora só nos últimos cem anos tenha surgido uma verdadeira literatura iídiche, a língua mesmo já tem mais de mil anos e antes do holocausto era falada por mais de dez milhões de pessoas. Além disso, ponderava K., se o iídiche era uma língua de diminutivos carinhosos, uma língua doméstica de artesãos e gente muito pobre, de carroceiros e camelôs, mais motivo ainda para poder expressar seus sentimentos em iídiche [...]. Mas ele não conseguia. Será por ser o seu iídiche casto demais para expressar a obscenidade do que lhe acontecera?³

Nesse trecho se delineia os sentidos que o personagem imprime à criação literária, e é através da incapacidade de alcançá-los pela língua que ama e cultiva que se inicia o processo que influenciará de forma definitiva sua relação com a escrita. A culpa que sente K., tantas vezes expressa pelo fato de ele sobreviver à morte violenta da filha, agravada pela indiferença e distanciamento pretérito, o leva a transformar sua atitude perante a literatura em um ato moral:

Aos poucos K. foi se dando conta de que havia um impedimento maior. Claro, as palavras sempre limitavam o que se queria dizer, mas não era esse o problema principal; seu bloqueio era moral, não era linguístico: estava errado fazer da tragédia de sua filha objeto de criação literária, nada podia estar mais errado. Envaidecer-se por escrever bonito sobre uma coisa tão feia. Ainda mais que foi por causa desse maldito iídiche que ele não viu o que estava se passando bem debaixo de seus olhos, os estratagemas da filha para evitar que ele a visitasse, suas viagens repentinas sem dizer para onde.⁴

² KUCINSKI, 2014, p. 134-135.

³ KUCINSKI, 2014, p. 135-136.

⁴ KUCINSKI, 2014, p. 136.

O ídiche, como barreira entre pai e filha, e as falhas pessoais, no passado, tornam-se impedimento para que K. possa se apaziguar no presente da narrativa. Morte e culpa se unem e encontram, no fazer literário, um inimigo comum, em um jogo narrativo que transforma a criação literária em uma nuvem a encobrir a realidade. Para o personagem, realizar o luto por intermédio da escrita se torna impossível; restará a queixa melancólica da falta que jamais poderá ser suprida.

A literatura deixa, assim, de fazer sentido para o personagem, restando a negatividade da experiência da morte. A língua perde o seu poder de criação, e passa a existir em sua função de relatar e denunciar o destino da filha:

Naquela noite K. rasgou os cartões de anotações; picou-os em pedacinhos miúdos para que deles nada restasse e atirou tudo ao lixo. Jurou nunca mais escrever em ídiche [...]. Também foi empurrado a essa decisão por um acaso: queria relatar às netas em Eretz Israel tudo o que havia acontecido. E as netas não conheciam o ídiche, só o hebraico. Naquela mesma noite, K. escreveu sua primeira carta à neta em Eretz Israel, em hebraico impecável, como ele aprendera de criança no heder. Assim, não era mais o escritor renomado a fazer literatura com a desgraça da filha; era o avô legando para os netos o registro de uma tragédia familiar.⁵

O testemunho, e não mais a criação literária, se estabelece como missão para K. Assim, suas netas, aquelas que por herança irão receber o legado de suas memórias, devem conhecer a história de sua filha. Nesse capítulo, o ídiche como língua adquire a centralidade por um viés negativo, pois assume a representação de uma negação do presente histórico do país que o abrigou, assim como em relação ao futuro, representado pelas netas. Ao escrever em hebraico para elas, tem-se ainda a simbologia da língua escolhida para o futuro do Estado de Israel como nação, separando passado e futuro, e marcando, para K., o sepultamento da “língua-cadáver”.

Tal perspectiva se torna contraditória pela importância histórica do ídiche para a imigração judaica, a sua importância como fator agregador para os vários grupos de imigrantes judeus que encontraram na língua um elemento de aproximação e reconhecimento, assim como fonte de resistência perante o preconceito e exclusão pelas quais passou o povo judeu, sobretudo na Europa.

Jacó Guinsburg, em seu livro *Aventuras de uma língua errante*, chega a apresentar o ídiche como uma “língua-passaporte”, marcando o caráter migrante presente em sua composição. De acordo com ele, em seu início, o ídiche era considerado uma língua de uso cotidiano e praticado sobretudo pelas mulheres que não aprendiam o idioma hebraico, sendo que, em sua época arcaica, não se diferenciava muito do alto-alemão. Por conta das

⁵ KUCINSKI, 2014, p. 136-137.

perseguições sofridas no curso da Idade Média, muitos judeus emigraram para o leste europeu, levando consigo o seu dialeto “como meio de comunicação intragrupal, portanto já de uso generalizado para ‘todos’ os fins da vida coletiva”.⁶

Até a segunda metade do século XIX, o ídiche era visto como um “dialeto”, por ser muito ligado à fala e não ter disciplina gramatical definida. Em contrapartida, por ser uma língua aberta, que absorvia elementos de outras línguas, o ídiche se preservou no seu caminho pelas épocas e continentes, pois dava abertura para que os seus falantes a atualizassem. Dessa forma, de acordo com Guinsburg:

Por paradoxal que possa parecer, o ídiche é um dos exemplares mais inusitados de uma língua estruturalmente moderna, a tal ponto que nem sequer a destruição da maioria de seus falantes no Holocausto e, portanto, de sua base fundante, a sociedade e cultura aschkenazi, logrou aniquilá-la por completo. E vemo-la hoje tentando articular-se a partir de seus destroços, por novos meios e em novos meios.⁷

É dentro desse contexto que se pode analisar a obra do escritor Meir Kucinski, o sujeito real que inspirou o personagem K. em seus traços constitutivos. Rifka Berezin, na introdução de *Imigrantes, mascates & doutores*, conjunto de contos de Meir Kucinski traduzidos do ídiche para o português, não deixa de ressaltar a importância da língua para a cultura judaica nos países que acolhiam os imigrantes judeus:

Quando, no século XIX, ocorreram os grandes movimentos migratórios dos judeus asquenazitas dos pequenos povoados, do shtetl e das grandes cidades da Europa Oriental rumo ao Ocidente da Europa, ao Novo Mundo e a Israel, o ídiche cumpriu o papel fundamental de propiciar a ligação entre os imigrantes judeus. Era nessa língua que os judeus – provenientes de diferentes países – podiam conversar livremente. Entender a história judaica da Europa do século XIX e fins do XVIII, conhecer o caráter e o mundo espiritual, os ideais e as ideologias dos imigrantes judeus asquenazitas, fundadores das novas comunidades nos novos países de imigração, implica conhecer o ídiche e a sua cultura. A literatura ídiche desse período tumultuado da vida judaica produziu obras inovadoras que expressam a vida dos judeus asquenazitas nos diferentes ambientes, as perseguições que sofreram e suas lutas sociais.⁸

A partir da perspectiva do olhar do imigrante na nova terra, das relações que estabelece dentro da comunidade judaica e desta com os demais grupos que formavam a sociedade brasileira, Meir Kucinski escreveu dezenas de contos que captam o período histórico em que viveu. Berezin assim apresenta a sua obra:

[...] os contos de Kucinski são mais um olhar sobre aquela época, as raízes de grande parte das novas gerações. E o olhar agudo e o senso crítico de Kucinski perpassam os diferentes tipos humanos, os problemas econômicos e sociais, a ascensão socioeconômica e suas consequências no relacionamento social, os problemas familiares, relação de pais e filhos, enfim, a vida da sociedade judaica de São Paulo.

⁶ GUINSBURG, p. 27, 1996.

⁷ GUINSBURG, p. 36, 1996.

⁸ BEREZIN, 2002, p.13.

[...] Estes contos recuperam uma parte da história dos imigrantes judeus e trazem à luz o esforço, a luta e os ideais daqueles que, temerosos e deslumbrados, aportaram no Brasil, na esperança de aqui reconstruir suas vidas.⁹

A forma literária dos contos de Meir Kucinski, como referidos por Berezin, em muito se assemelham aos sentidos que Bernardo Kucinski imprime aos da escrita do personagem K., em seu romance. Pode-se inferir, da ambivalência com que Kucinski se refere à língua do pai, sentidos políticos impressos pelo autor. Na ambientação do romance, o ídiche como opção torna-se um uma negação do presente e um voltar às costas para o futuro. Um elemento que interrompe a comunicação e impede a comunhão entre pai e filhos, situação ampliada pelo fato do pai, professor e escritor de ídiche, não ter se preocupado em ensinar a língua aos filhos.

Essa perspectiva fica mais evidente no romance *Os visitantes*, que Kucinski escreveu como uma espécie de complemento à *K. - Relato de uma busca*. Se neste o ídiche se torna representativo da incompreensão entre pai e filha, em *Os visitantes* Kucinski retoma o ídiche como ponto de incompreensão entre ele, feito personagem em uma representação autoficcional, e o pai. Kucinski se faz protagonista e narrador ao mesmo tempo, e é, em uma encenação metalinguística, visitado por uma série de personagens que, ou foram citadas em *K. - Relato de uma busca*, ou estão ligadas a afirmações ou fatos narrados neste, sendo confrontado e questionado em relação a esses mesmos fatos e afirmações. Situação ampliada por ser um romance que, assim como o anterior, trabalha com eventos e personagens ancorados no real.

Entre as pessoas retratadas está o pai do autor, Meir Kucinski. Ele é um dos “visitantes” que dá título ao livro. Mas, diferente dos outros, ele está morto e é em sonho que acusa o filho: “Você é o culpado, o único culpado!”.¹⁰ O pai, no capítulo intitulado “Admoestação”, afirma que Kucinski sabia das ações políticas da filha, do envolvimento amoroso com alguém de posição de liderança dentro da luta armada que se opunha à ditadura, e que, por isso, era o único capaz de evitar a sua morte.

O capítulo é a descrição do sonho. Inicia com uma cena familiar à mesa do café onde estão ele e o pai. Bernardo está lendo um jornal, sente-se envaidecido ao ler seu sobrenome em uma reportagem, mas logo decepciona-se, pois, a referência não é a seu livro, mas, sim, à tradução de contos do pai: “Li em silêncio, tomado de inveja”.¹¹ Mas ao pai não importa a reportagem elogiosa, e logo a rechaça, pois não diz respeito à filha: “Fala do

⁹ BEREZIN, 2002, p. 28-29.

¹⁰ KUCINSKI, 2016, p. 23.

¹¹ KUCINSKI, 2016, p. 21.

desaparecimento? Eu disse: Não. Ele disse: Então não interessa. E afastou o jornal com um gesto brusco de desagrado”.¹²

Na cena ressurge a figura do pai retratada em *K. – Relato de uma busca*, para quem nada mais importa a não ser encontrar a filha desaparecida. É ainda a representação da situação singular do autor-personagem Bernardo Kucinski, que se tornou célebre e respeitado no meio literário, ao transformar em ficção a história do pai e da irmã. Essa oposição entre alguém que abandona a literatura, como é o caso do personagem K., no livro anterior, em decorrência de uma tragédia, e alguém que, em função dessa tragédia, é premiado e reconhecido, torna-se algo a mais a assombrar o Kucinski personagem.

A admoestação do pai ao filho ocorre também a partir de outros elementos. Como exemplo, a afirmação contida em *K. – Relato de uma busca* de que o pai ignorava a filha, presente, ficcionalmente, em uma carta escrita pela filha desaparecida a uma amiga, que diz, “ocupa-se cada vez mais dos seus amigos escritores. [...] Acabou a família e para ele agora só existe o iídiche. Refugiou-se no iídiche. Você acredita que eles se reúnem todas as semanas?”.¹³ Em *Os visitantes* tem-se a possibilidade de resposta para essa acusação do filho escritor. O pai questiona por que Bernardo não dissera nada a respeito da viagem que pai e filha fizeram juntos, como presente de aniversário de 30 anos de Ana Rosa, pelo Uruguai e pelo Chile. Isso é dito, no sonho, com o pai em frente ao mapa da América do Sul, para uma plateia que inclui Bernardo Kucinski. No monólogo do pai, os indícios do terror vão sendo postos, como se a viagem fosse um preâmbulo ao que viria a seguir, quando o pai descobriria da participação política da filha que resultara em sua morte:

Durante toda a viagem tentei saber os planos dela para depois do doutorado, mas, por mais que perguntasse, ela não me esclarecia. Dava respostas evasivas. Ficou muito nervosa quando desembarcamos em São Paulo. Passou duas semanas sem me visitar. Você devia ter falado dessa viagem. Dois meses depois aconteceu o golpe militar no Uruguai, alguns meses mais e veio o golpe no Chile. Tudo isso sentimos aqui, mas você, você estava numa boa, na Inglaterra, gozando a vida, indo aos concertos do Southbank; aqui assassinavam pessoas. Inventavam que eram atropeladas. Uma delas viu no jornal a notícia da própria morte. Por que você não colocou isso na sua novela?¹⁴

Nesse capítulo, antes da cena em que seu pai está à frente do mapa da América do Sul, existe outra em que ele discursa em iídiche de costas para o mapa da Europa, onde estão assinalados apenas dois nomes: Neuengamme e Monowitz, campos de trabalho nazistas onde

¹² KUCINSKI, 2016, p. 21.

¹³ KUCINSKI, 2014, p. 49.

¹⁴ KUCINSKI, 2016, p. 23.

foram mortos centenas de milhares de judeus. O que discursa é incompreensível para o personagem de Bernardo Kucinski, em função de seu desconhecimento da língua.

O fato dessa parte do sonho ser incompreensível para o personagem indica haver uma parte da experiência de vida de seu pai que não lhe foi acessível. O autor utiliza essa incompreensão para referir à experiência europeia do pai e a algo não transmitido de pai para filho. O ídiche torna-se o elemento simbólico que representa esse corte na relação entre ambos, que é, além de subjetivo, também geracional e histórico.

A incomunicabilidade entre gerações é retomada em um conto de *A cicatriz e outras histórias*, Chamado “Bialystok, a jornada”. Nele também é encenado o desacerto entre os filhos de imigrantes e seus pais, tendo como elemento desencadeador o desconhecimento do ídiche. O conto é construído pelos ruídos e confusões que estão na dificuldade de transmissão da memória de eventos históricos vivenciados pelas gerações anteriores da família do narrador.

O narrador, filho de judeus poloneses, teve os avós e tios mortos na Shoá, que assassinou milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. É importante salientar que os termos Shoá e Holocausto não são usados na narrativa, pois, sempre que o narrador se refere ao evento, utiliza a expressão “o inimaginável”. Logo no início do conto, o narrador revela a falta de disposição dos pais em falar dos familiares mortos na Europa, e a língua ídiche surge como a barreira que impede acessar esses acontecimentos, pois, o “íidiche mesmo nunca aprendi e da sua escrita apenas reconheço as letras, que provêm do hebraico”.¹⁵

A trama narrativa se desenrola décadas após a Shoá, quando o narrador recebe de sua mãe uma carta que pertencera a seu pai e que fora enviada pelo avô, da cidade de Bialyztok, datada de primeiro de maio de 1939:

[...] a escrita à mão, que percorre o papel de alto à baixo parecendo um arabesco, está em íidiche, disse minha mãe ao me entregar, pouco antes de morrer, a folha já amarelecida, encontrada entre os papéis deixados por papai. [...] A letra da carta é miúda, apertada, urgente, as palavras quase se emendam e as linhas se sucedem juntinhas, como para não desperdiçar espaço, como se essa folha de papel fosse a última e a oportunidade de comunicação a derradeira, e o que tinha que ser dito fosse tanto que podia não caber numa só folha. Uma carta que pelo seu mero aspecto, sem mesmo ser lida, anuncia tragédia. O que será que aconteceu em Bilyastok às vésperas do primeiro de maio de 1939 para levar o avô a escrever aquela carta?¹⁶

Primogênito entre sete irmãos, o pai do narrador é o único que se exilou no Brasil, fugindo do alistamento militar na Polônia. Com a carta traduzida em mãos, o narrador parte

¹⁵ KUCINSKI, 2021, p. 327.

¹⁶ KUCINSKI, 2021, p. 327-328.

para a Polônia, onde visita o Lager nazista de Treblinka, local de morte de sua avó, e, por fim, Bialystok, cidade de seus antepassados, onde seu avô possuía uma tecelagem e que ele acredita ter sido o local de sua morte. O fato de seu pai nunca ter mencionado a carta é motivo de questionamento pelo narrador, representando para ele uma história sem final.

Dessa forma, decifrar a carta do avô é o início da descoberta de uma história familiar não transmitida de pai para filho. Só através da transposição da barreira linguística, que é também uma barreira geracional, que a história individual do narrador pode ser inserida em uma narrativa familiar. Descobrimos a história de sua família paterna, o narrador toma conhecimento de detalhes históricos da Shoá, da relação da comunidade judaica com os poloneses, dos crimes que foram vítimas, dos preconceitos sofridos, e do que permanece disso tudo no presente histórico. Só assim, simbolicamente, ele pode fazer parte, como herdeiro, de uma trajetória familiar e da cultura da qual descende.

De acordo com Fabíola Padilha, no texto introdutório de *A cicatriz e outras histórias*, a inserção em um contexto familiar seria a forma de dar continuidade, por parte do narrador, da história de sua família e de não permitir que essa se interrompa:

A busca pelo fim da história é, com efeito, um modo de lhe dar continuidade, seu futuro dependendo desse olhar virado para o passado. Por isso, decifrar a escrita enigmática da carta do avô e procurar conhecer o lugar de onde veio seu pai, a casa onde viveu sua família, é restabelecer os laços com uma narrativa suspensa com o intuito de garantir sua continuidade.¹⁷

Se nos capítulos até aqui referidos, de *K. – Relato de uma busca* e de *Os visitantes*, a barreira da língua, seja pelo seu desconhecimento, seja pela simbologia de um alheamento familiar, impede a proximidade e o entendimento, em “Bilyatosk, a jornada”, Kucinski encena, por intermédio da decifração do ídiche e da busca pela origem familiar, a retomada coletiva da história, via a inserção do narrador dentro de sua genealogia e o restabelecimento de relações de pertencimento coletivo, tendo em conta aspectos de herança familiar, transmissão geracional e história judaica.

REFERÊNCIAS

GUINSBURG, Jacó. *Aventuras de uma língua errante*. São Paulo, Perspectiva, 1996.

KUCINSKI, Bernardo. *A cicatriz e outras histórias*: (quase) todos os contos de B. Kucinski. São Paulo: Alameda, 2021.

KUCINSKI, Bernardo. *K. – Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

¹⁷ PADILHA, 2021, p. 21.

KUCINSKI, Bernardo. *Os visitantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KUCINSKI, Meir. *Imigrantes, mascates e doutores*. Vários tradutores. Organização de Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PADILHA, Fabíola. A nobre arte de Bernardo Kucinski. In: KUCINSKI, Bernardo. *A cicatriz e outras histórias*: (quase) todos os contos de B. Kucinski. São Paulo: Alameda, 2021. P. 13-22.